

Inútil paisagem: desenhos densos e opacos

Useless Landscape: dense and opaque drawings

Carlos Eduardo Ferreira Paula¹ (PPGAV-UDESC/UNESPAR)

Resumo: O ensaio apresenta uma reflexão sobre a série “Inútil Paisagem” (2022), composta por desenhos realizados com tinta asfáltica sobre papel manteiga. As obras registram gestos diretos, evocando formações geológicas e explorando a relação entre matéria, tempo e procedimento. Inspirada no conceito de “procedimento”, de Raymond Roussel, a série investiga os limites do desenho como processo criativo. As imagens corporificadas afirmam a vitalidade da arte para além de sua existência material. A produção textual paralela integra-se como desdobramento da obra, ampliando seu campo de significação. O trabalho revela, assim, uma prática artística que une gesto, corpo e linguagem.

Palavras-chave: paisagem. desenho. corpo-materia. procedimento artístico.

Abstract: This essay presents a reflection on the series “Inútil Paisagem” (2022), composed of drawings made with asphalt paint on parchment paper. The works record direct gestures, evoking geological formations and exploring the relationship between matter, time, and artistic procedures. Inspired by Raymond Roussel's concept of "procedure," the series investigates the limits of drawing as a creative process. These embodied images affirm the vitality of art beyond its material existence. A parallel textual production integrates as an extension of the visual work, expanding its field of meaning. The project reveals an artistic practice that intertwines gesture, body, and language.

Keywords: landscape. drawing. body-matter. artistic procedure.

DOI: <https://doi.org/10.47456/dp5ktk45>



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#)

¹ Artista Visual e pesquisador. Mestre em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina (2022). Graduado em licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2020). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0452-5720>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1494701810603635>.

De que serve essa onda que quebra
No vento da tarde
De que serve a tarde?
Inútil paisagem
("Inútil paisagem", Wanda Sá, 1964)

Este ensaio visual propõe uma reflexão acerca da série de desenhos intitulada “Inútil Paisagem”, produzida por mim, em 2022. Trata-se de composições densas, realizadas com tinta asfáltica – um tipo de impermeabilizante – aplicada sobre a delicada materialidade do papel manteiga. O processo de criação encontra-se registrado na própria superfície dos trabalhos, onde gestos e ações permanecem evidentes, sem retoques, em uma abordagem à la prima. O resultado visual remete a formações de ordem geológica, evocando a imprevisibilidade da lava e suas manifestações magmáticas. Esses desenhos estabelecem um equilíbrio singular entre espaço e tempo, preservando a vitalidade do gesto artístico em sua materialidade mais imediata.

A constituição dessas obras se dá por meio de uma prática radical, que investiga os limites do desenho e experimenta novos processos e procedimentos.

Nesse contexto, é pertinente retomar o conceito de “procedimento”, elaborado por Raymond Roussel, entendido como uma invenção literária e método de criação que influenciou movimentos como o Surrealismo, o Dadaísmo e, de maneira especial, a obra de Marcel Duchamp. A partir dessas referências vanguardistas, considera-se o procedimento como uma potência criativa, capaz de estruturar a produção artística contemporânea e de estabelecer vínculos sociais no interior e no exterior do campo artístico e literário. Assim, a série Inútil Paisagem configura-se como uma prática de procedimento, explicitando e revelando os processos que a constituem.

As obras dessa série apresentam-se como corpos matéricos – compostos por pele, osso e carne simbólicos – que afirmam sua presença no mundo através da linguagem visual. Trata-se de desenhos que reivindicam a vida

imanente da arte, transcendente ao tempo cronológico e à própria existência do objeto artístico. São composições que proclamam sua materialidade: “existo, estou aqui, sou um corpo bidimensional originado por manchas”. Essas imagens configuram-se como vestígios de um corpo remanescente de um trauma, de um gesto, de um acidente, sendo, portanto, desenhos corporificados, sobreviventes.

A série se estabelece como uma errância visual, um percurso irreversível, no qual o gesto repetido de traçar linhas sobre o papel cria uma narrativa silenciosa e aberta a múltiplas leituras. Paralelamente à criação das imagens, evidencia-se uma disciplina rigorosa, manifestada na constância da necessidade de demarcar rotas e marcas sobre a superfície do suporte. Esse processo resulta em uma grafia invisível, continuamente reinventada em novas configurações e experiências do ato de desenhar.

Por fim, destaca-se como particularidade dessa produção a elaboração de um texto desenvolvido simultaneamente à criação dos desenhos. Nesse caso, a palavra não cumpre uma função descritiva ou ilustrativa das imagens, mas se apresenta como extensão material da série “Inútil Paisagem”, funcionando como um desdobramento discursivo que amplia as possibilidades de leitura da obra por meio da linguagem escrita. A seguir, o texto transcrito do caderno de esboços, datado de maio de 2022.

“Manteiga, papel, asfalto, bistre, thinner, imprecisão, desejo, acaso, descaso, silhuetas, sombras, blocos moles, protuberâncias, coisa estranha, forma que escapa, enrijece, aglutina, se esquece, um desenho torto, uma reta torta, uma mancha torta, um gesto descontrolado, betume em alguma forma, piche, fuligem, as manchas nos desenhos de Rembrandt, marrom, cinza, vermelho, cicatriz, ralado, dente quebrado, osso quebrado, ligamento rompido, pó de pedra, um canto, talvez uma auréola, movimento acontecimento, geometria tortas, procedimento partido, preto, esquemas de estruturas luz, sombra, o não fazer, para baixo, para direita, duas ações mostrar que tem massa, mostrar que tem peso, mostrar que tem corpo, desenhos com presença, até o retângulo, o

que conduz é o erro, o não saber, exatamente um trabalho se encontra no lixo, viscoso, sujo, empoeirado, víscido, fétido, porém não é uma espécie de trauma, não é uma inibiçāo, não é uma insegurança, não é um modo de dizer não, não é o que é, não é o que pode ser, não é um medo, não é uma dor, não é um sofrimento, não é um desejo, não é uma vontade, não é o que parece, não é uma frustação, não é que eu não saiba, não é, não é, não é, não é.”























Referências

AIRA, Cesar. **Pequeno manual de procedimentos**. Curitiba: Arte & Letra, 2017.

ROUSSEL, Raymond. **Como escrevi alguns dos meus livros**. Tradução bilíngue. Prefácio de Joca Reiners Terron; posfácio de Claudio Willer. São Paulo: Cultura e Barbárie, 2015.

Recebido em: 16 de maio de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025